

AS TERMAS ROMANAS DE S. PEDRO DO SUL – UMA PROPOSTA DE REVISÃO CRONOLÓGICA

Marcelo Mendes-Pinto

CITCEM-UP

jmmendespinto@gmail.com

Maria Pilar Reis

CEAU-UP

pilar.reis@gmail.com

ABSTRACT:

The roman baths of S. Pedro do Sul, animated by a thermal hot spring, began to be built in the first half of the 1st century. The original building was demolished and replaced by another at the beginning of the second century, which has lasted until today. It has undergone several extensions and successive transformations over the centuries. We now present a proposal for the revision of its chronology, having into account the archaeological excavations carried out in recent years.

Keywords: Roman Baths, Thermal water, Medieval Baths, Chronology.

RESUMO:

As termas medicinais romanas de S. Pedro do Sul começaram a ser construídas na primeira metade do século I. O primitivo edifício foi demolido e substituído por outro nos inícios do século II, tendo perdurado até aos nossos dias. Conhecido e conservado desde a Idade Média por nele se ter tratado D. Afonso Henriques na sequência do desastre de Badajoz, ao longo dos séculos sofreu várias ampliações e sucessivas transformações. Com base nas escavações arqueológicas aí realizadas nos últimos anos, apresenta-se uma proposta de revisão da sua cronologia.

Palavras-Chave: Termas romanas, Águas termais, Termas medievais, Cronologia.

A IDENTIFICAÇÃO DO BALNEÁRIO ROMANO

As Termas Romanas de São Pedro do Sul constituem-se num dos edifícios termais mais bem conservados da Península Ibérica. Conhecido desde a Idade Média por nele se ter tratado D. Afonso Henriques na sequência do desastre de Badajoz, o edifício foi ampliado por D. Manuel I, que aí instituiu um Hospital Real, em uso até aos finais do século XIX, quando foi construído um novo balneário a que foi dado o nome da rainha D. Amélia, sendo depois transformado em escola primária.

O achado fortuito de colunas romanas nos finais dos anos 40 do século XX, durante obras supervisionadas por Fernando Russell Cortez, levou mais tarde à realização das primeiras escavações arqueológicas entre 1954 e 1957¹, sob a direcção de João Manuel Bairrão Oleiro e Russell Cortez, as quais puseram a descoberto uma grande piscina exterior, rodeada por um pórtico além de um conjunto de estruturas que se estendiam até à Capela de São Martinho.

Nas décadas seguintes o complexo termal foi sendo esporadicamente intervencionado por Fernando Russell Cortez², sendo as escavações arqueológicas apenas retomadas entre 1985 e 2005 por Helena Frade (DRCC), que, ao mandar efectuar a picagem integral dos rebocos, verificou estar perante um edifício cujas paredes romanas ainda atingiam, em certos pontos, os seis metros de altura, conservando inclusivamente os arranques das abóbadas de cobertura (FRADE 1985; FRADE 1988; FRADE 1989; FRADE 1990; FRADE 2001; FRADE, MOREIRA 1990; FRADE, MOREIRA 1991: 515-544).

Verificou também que este edifício substituíra outro edifício termal anterior, que então datou da época de Augusto baseada no almofadado dos silhares dos alicerces, edifício esse que estava associado à piscina exterior e que foi derrubado nos inícios do século II.

Foram estas campanhas que permitiram recuar até à época romana a cronologia atribuída à piscina interior — conhecida como Piscina de D. Afonso Henriques —, que terá substituído pelo menos uma outra pertencente ao edifício primitivo, entretanto demolido.

Entre Setembro de 2017 e Junho de 2019 desenrolaram-se novas escavações arqueológicas conduzidas pelos signatários (MENDES-PINTO, REIS 2020; MENDES-PINTO, REIS 2021), decorrentes das obras de valorização, conservação e reabilitação das Termas Romanas, segundo projecto da autoria do arquitecto João Mendes Ribeiro e paisagismo do arquitecto João Gomes da Silva (BORGES 2021).

As escavações, embora confirmassem algumas das conclusões das campanhas anteriores, revelaram uma série de novos dados, quer sobre o edifício das primeiras termas, quer sobre a técnica de construção das segundas termas romanas.

Para além disso, os achados estratigrafados de alguns materiais arqueológicos relevantes - nomeadamente um fragmento de uma taça em *T.S. itálica* da forma *Conspectus* 22.1 com provável datação da 2ª década do primeiro século³ (BOLILA 2011:72-73), fragmentos de uma *sigillata* sudgálica Drag. 27 associada a fragmentos de hispânica (MENDES-PINTO, REIS 2021: 186), bem como a abundância de moedas romanas, com especial relevo para um denário de Tibério pouco circulado, encontrado numa camada selada por um degrau da piscina exterior (MENDES-PINTO, REIS 2020: 33-45; MENDES-PINTO, REIS 2021: 186) - permitiram avançar com novas propostas cronológicas, que agora apresentamos.

A questão da existência de um segundo pórtico exterior, de ordem toscana, e das instalações romanas a ele anexas, também ficou mais esclarecida.

Foram ainda sequenciadas as remodelações medievais e modernas efectuadas nas termas e visionadas inúmeras fases de obras que o edifício foi sofrendo ao longo dos séculos, além de se poder começar a alicerçar uma nova proposta de leitura do espaço entre a piscina exterior e a Capela de São Martinho.

1 Destas primeiras campanhas existe um importante registo fotográfico depositado no Museu Nacional de Conimbriga, mas não um relatório de campo. Apenas conhecemos uma reprodução dos desenhos de campo esquemáticos de J.M. Bairrão Oleiro através da tese de Cândida Hespánha (HESPANHA, 1963).

2 Infelizmente não existe relatório, nem descrições destes trabalhos.

3 Segundo Catarina Bolila (BOLILA, 2011: pp. 72-73), o pico de importação desta cerâmica, em Olisipo, ocorre com Tibério, por volta de 20 d.C.

Na escavação desse espaço exterior, é de realçar também a importante descoberta de parte da fachada e da parede lateral sul da igreja pré-românica, de que terá feito parte o ajimez reaproveitado no exterior da parede fundeira da Capela de São Martinho, datável do primeiro quartel do século X (REAL 2013: 203-230).

As termas romanas de São Pedro do Sul, desde o início da sua construção até aos nossos dias foram alvo de várias fases de intervenção, com uma primeira remodelação seguida de sucessivas ampliações, modificações e obras de manutenção, que descrevemos sucintamente e cujas cronologias agora propomos.

ÉPOCA JÚLIO-CLAUDIANA

Na sequência das campanhas de escavações efectuadas entre 1985 e 1990, para Helena Frade a fundação das termas recuaria genericamente aos inícios do século I d.C., apesar de reiteradamente ter sublinhado a dificuldade em apresentar uma datação mais fina para o momento de abertura dos seus caboclos fundacionais, dado que, parte da sua proposta assentava na identificação dos elementos estruturais e arquitectónicos do edifício.

Apontava como argumentos os cunhais almofadados, situados nas fachadas sul e poente, e os contrafortes com bases também elas de silhares almofadados, associados ao pórtico exterior, com os seus monumentais capiteis jónicos muito “augustanos”.

Contudo, ressaltou o facto do espólio recolhido não ser suficientemente esclarecedor quanto a uma datação mais precisa que as primeiras décadas do século I d.C..

Em 1989, Helena Frade, identificou dois estratos - o 13 e o 14 - que individualiza em diferentes áreas do complexo termal e nos quais recolhe fragmentos de cerâmica cinzenta fina polida e algumas TS Hispânicas⁴, entre elas uma Drag. 15/17 e uma possível Drag. 27 (FRADE, MOREIRA 1991).

Colocando reservas a esta datação fundacional tão precoce, J. Alarcão já alertava para as dificuldades da atribuição augustana baseada em elementos arquitectónicos que se tem verificado perdurarem no tempo, nomeadamente os almofadados, para além da ausência de *sigillata* itálica ou sudgálica (ALARCÃO 2021: 23).

Por outro lado, não se poderá nunca descurar o contexto durante o qual as termas terão sido construídas num programa algo ambicioso, relacionando-as apenas com a ocorrência da nascente termal, o que é lógico, e com a presença de um povoado indígena na margem contrária do Vouga, o castro do Banho.

As investigações levadas a cabo por Manuel Real, Catarina Tente e António Faustino no âmbito do “*Projecto de Estudo do Património Histórico-Arqueológico do Concelho de Vouzela*” entre 2015 e 2021, vêm pela primeira vez demonstrar a ocupação do Monte da Senhora do Castelo (Vouzela) em época romana, ligada a uma intensa actividade mineira do ouro e do estanho nas sua encostas, sobranceiras ao Vouga e ao local onde brotam as águas medicinais e foram construídas as termas (REAL *et alli* 2021: 151-152).

Os dados recolhidos nas campanhas arqueológicas por nós desenvolvidas entre 2017 e 2019 levaram-nos a repensar a questão da datação fundacional das primeiras termas que os romanos ergueram em S. Pedro do Sul, baseados na reanálise dos trabalhos anteriores, num novo conjunto de contextos estratigráficos e estruturais, e sobretudo em novos materiais específicos, como atrás assinalámos.

4 O espólio das campanhas arqueológicas de Helena Frade foi integralmente inventariado e estudado, ainda que não publicado, por Elisa Albuquerque, incluindo o material proveniente das sondagens de 2005 realizadas no interior da capela. Não foi facultado ainda acesso aos materiais, mas sim a este trabalho, o que permitiu fazer uma leitura integrada dos achados

É de ressaltar, contudo, que estas últimas campanhas foram intervenções decorrentes do acompanhamento e necessidades da obra de reabilitação do edifício, e não de uma campanha de escavações programada e prévia à obra, como deveria ter sido, o que em certos locais - talvez vitais para a compreensão exaustiva do monumento - não permitiu ampliar zonas de escavação de contextos selados como, por exemplo, a maior parte do interior da capela da Senhora da Saúde, dentro do complexo termal.

Ainda assim, as limpezas do logradouro da fachada poente e a escavação de pequenas sondagens pontuais permitiram identificar o alinhamento do primitivo edifício, que não coincide – como propusera Helena Frade – com os limites do segundo edifício termal. Afinal, o primeiro edifício estava isento de contrafortes, embora também com um reforço com silhares almofadados nos ângulos estruturantes da construção, solução que, como se vê, permaneceu em voga até ao século II d.C..

É precisamente neste alinhamento do primeiro edifício, e num contexto selado por uma conduta de água a ele pertencente, cortada pelas condutas do segundo edifício, que se recolheu um fragmento de TS Itálica⁵, já atrás citado. Este dado é reforçado por um outro achado na fachada oposta, a nascente. Ao desmontar o primeiro degrau sul da grande piscina exterior para se proceder à impermeabilização do pavimento, recolhemos, perfeitamente selado, um denário de Tibério, cunhado em Lugdunum, com Lúvia sentada⁶, datável entre 14 e 37 d.C..

Por sua vez, num nível de aterro pertencente aos arranjos exteriores da zona exterior ao pórtico, camada identificada na extensa Sondagem 6, situada ao longo da que viria a ser a fundação do actual muro limite exterior, apareceu um denário *cerratto*⁷, cuja cronologia não se estende para além do primeiro quartel do século I d.C. mas cuja circulação perdura, associado a alguns fragmentos de TS Sudgálica⁸ num nível de aterro pertencente aos arranjos exteriores da zona exterior ao pórtico, camada identificada na extensa Sondagem 6, situada ao longo da que viria a ser a fundação do actual muro limite exterior.

Baseados nestes novos elementos, pensamos que o início da construção do primeiro edifício termal poder-se-á muito provavelmente situar num momento entre os reinados de Tibério e Cláudio (14-54 d.C.).

O edifício de planta rectangular, do qual se recolheram algumas evidências dos seus limites (Fig. 1), teria cerca de 280 m² e incluía no seu interior uma piscina de 7,4 m x 5,4 m e 1,2 m de profundidade, com paredes e fundo revestidos a *opus signinum* e cinco degraus de acesso, em cada um dos seus topos (Fig.2). A água termal chegava a esta piscina por uma canalização de pedra proveniente de sul e desaguava por uma conduta em alvenaria que transportava as águas em direcção ao rio. O acesso ao edifício era realizado por sul. Desconhece-se a existência de outras piscinas interiores associadas.

Foi também construída a leste do edifício termal uma grande piscina com 20,50 m x 9 m e 1,5 m de profundidade, até agora entendida como exterior (Fig. 3). Associado a esta piscina, foi construído com grossas colunas um pórtico de ordem jónica, ao qual pertencem uns capitéis monumentais que ainda se conservam no local, testemunhando a grandiosidade que se pretendia para este projecto tibero-claudiano (Fig. 4). As alas deste pórtico foram pavimentadas a seixo imbricado.

5 A peça com o n.º de inventário TSPS/28, corresponde ao bordo e parede de uma taça ligeiramente cónica e é uma das formas de TSI mais comum em Miróbriga (QUARESMA, 2003), entre outros exemplos, correspondendo a uma forma *Conspectus* 22.1, como atrás referimos.

6 TSPS/73, publicado pelos signatários com o n.º 02 (MENDES-PINTO E REIS, 2020).

7 TSPS/33, publicado pelos signatários com o n.º 01 em (MENDES-PINTO E REIS, 2020).

8 TSPS/34 e TSPS/35, de provável forma *Drag.27* e *Drag. 15/17* respectivamente, associadas à UE[223] tal como o denário, recolhido nesta mesma unidade.

Apesar da modéstia das suas dimensões - se comparado, por exemplo, com as termas medicinais romanas de Chaves (CARNEIRO 2013: 794; CARNEIRO 2017: 69) - verifica-se a existência de uma planta equilibrada e de módulo rigoroso, constituindo no seu todo um projecto ambicioso que não pudemos confirmar, até ao presente, se concluído na sua formulação original.

ÉPOCA FLÁVIA

Também nesta fase, foram efectuadas pequenas remodelações no edifício primitivo, como a repavimentação da piscina interior e provavelmente a introdução de uma zona absidiada a norte dela.

São ainda reforçados os alicerces da vertente oriental do edifício, com a abertura de uma vala ao longo de todo o seu comprimento, repleta de seixo de rio bem compactado, e na qual se recolheram fragmentos de um friso em granito. Possivelmente esta última obra estaria relacionada também com a estanquidade e impermeabilização do edifício, que talvez se tenha revelado insuficiente no projecto inicial.

É também admissível que nesta fase se tenha construído uma segunda piscina interior revestida a *opus signinum*, mais pequena, e situada numa ampliação a poente, mais tarde substituída por outra integralmente em granito e conhecida como a “piscina das mulheres”.

Ao realizarmos uma pequena secção no pavimento em seixo imbricado identificado na ala sul do pórtico monumental da piscina exterior, recolhemos na camada de assentamento, alguns fragmentos de cerâmica cinzenta fina polida – cuja cronologia não ultrapassa os finais do séc. I -, e uma fíbula⁹ do tipo Aucissa, com uma cronologia entre os anos 75 a.C. e 125 d.C. Voltamos a encontrar este mesmo pavimento em seixo imbricado, sem dúvida pertencente a um espaço ao ar livre, na limpeza realizada às sondagens de 2005 no interior da capela da Senhora da Saúde (Fig. 5). Esta área, sobre a qual apenas temos a lista do espólio estudado, conservava o alicerce da fachada nascente do primeiro edifício termal, ao qual encosta o pavimento em seixo bem como a base da primeira coluna do pórtico e o respectivo tambor *in situ*, a par da fachada contrafortada do segundo edifício, ainda preservado até ao arranque da cobertura. Não se observa, nestes importantes cortes, qualquer outro nível pavimentado desta área exterior, mas apenas uma fina camada de terra escura sobre o pavimento em seixo e na qual recolhemos um fragmento de um fundo de taça cinzenta fina polida, de pé anular¹⁰.

Ainda associado à camada de assentamento deste pavimento em seixo, e na ala oposta entre as duas primeiras colunas, actualmente ainda no exterior, recolheu-se um asse¹¹, também ele datável entre o século I e II d.C. (Fig. 6).

ÉPOCA ANTONINIANA

Provavelmente no reinado de Trajano, tomando em linha de conta um conjunto significativo de materiais arqueológicos recolhidos durante as escavações, o primeiro edifício termal terá sido integralmente demolido, e as suas fundações entulhadas com terras. Esta terraplanagem encontra paralelo em Conimbriga quando, no reinado de Trajano, se construíram as novas Termas Sul (ALARCÃO, ETIENNE 1977). E tal como na cidade conimbrigense, foi sobre as antigas fundações, sem delas aproveitar qualquer parede, que se veio a construir o novo balneário.

9 Fíbula do tipo Aucissa, arco de secção rectangular, com uma moldura em relevo e um sulco ao centro, no sentido longitudinal do arco, com cartela sumária e quadrangular. O descanso da fíbula é triangular. Os botões terminais do eixo e do pé são de recorte decorativo. Semelhante à publicada por PONTE, 2006: 42 e 42 b/IC; e semelhante à n.º 64 de Conimbriga (FOUILLES, V: 125) com uma cronologia de meados do séc. I a inícios do séc. II.

10 TSPS/47, integrado na UE[188] e como se verifica no corte em anexo.

11 TSPS/38, publicado com o n.º 08 (MENDES-PINTO, REIS: 2020).

Este segundo edifício, de planta rectangular, ocupou o perímetro interior do antigo, num projecto de sóbria simplicidade, mas de grande fortaleza estrutural (Fig. 7).

O edifício foi desenhado como uma ampla ala, com cobertura em abóbada suportada por arcos de tijolo e reforçada por uma sequência de contrafortes exteriores. Os muros, em alvenaria, apresentavam um registo de três fiadas de tijolos que asseguravam a regularidade do alçado. O acesso foi invertido e coincidia, neste novo projecto, com o sentido dos desaguamentos que se mantinham em direcção ao Vouga. A porta de entrada, assumindo que só existiu uma, estava centrada na fachada norte, aberta em direcção ao rio e com um arco perfeito composto por sete aduelas (Figs. 8 e 9).

No seu interior, um vestíbulo antecipava uma ampla ala central no meio da qual se situava uma piscina de água termal. A piscina, com 8,2 m x 4,7 m e 1 m de profundidade, tinha cinco degraus de granito que percorriam os seus limites, funcionando como bancos para o banhista (Fig. 10). A sul e a norte, na parede que separava esta sala do vestíbulo, existiam nichos absidiados, enquanto a nascente e poente se encontravam duas êxedras de planta rectangular.

As paredes aqui foram decoradas com pilastras, suportando uma *platibanda* que delimitava o nascimento da abóbada (Fig. 11). A água termal entrava na piscina por uma canalização de pedra proveniente de poente e abastecida por uma cisterna, ou tanque exterior de arrefecimento. Nessa mesma fachada, uma sala mais pequena, também abobadada, tinha uma piscina também mais pequena e da qual se encontrou uma canalização de escoamento com uma inscrição, que será alvo de publicação específica.

As termas deste período integraram também a piscina exterior, readaptaram o pórtico e delimitaram o acesso sul (Fig. 12).

Uma provável reformulação do projecto arquitectónico inicial parece conduzir à sua conseqüente alteração, sendo admissível que um segundo pórtico, de ordem toscana e de menores dimensões, tenha sido instalado nesta época entre o primitivo pórtico e a actual Capela de São Martinho, onde terão existido espaços de pernoita e *tabernae*, das quais se identificaram os pavimentos em *cocciopesto* (barro cozido).

O antigo pórtico da piscina aparece fechado por um muro de alvenaria envolvendo as suas colunas, separando-o completamente do novo espaço porticado na ordem toscana (Fig. 13). A estranheza desta solução e a inexistência de qualquer indício revelador de qualquer outro muro a nascente que possa ter suportado a sua cobertura, merecerá investigação exaustiva (MENDES-PINTO, REIS 2021: 177-193).

Arroladas à construção deste segundo edifício tinha associado Helena Frade as muito fragmentadas e escassas TS Hispânicas encontradas, entre elas uma Drag. 15/17 com grafito¹², em parte corroborante à leitura estratigráfica do corte realizado no desmonte da antiga sacristia. É na limpeza e pequena ampliação dessa secção nascente que registamos uma camada (UE 82) onde recolhemos um conjunto muito fragmentado de uma TS Hispânica, de forma Drag. 15/17¹³, associada a um asse¹⁴ de Adriano emitido em 129 d.C. e sem dúvida pertencente a um nível de reestruturação desta ala exterior que sucedeu à construção do segundo edifício e, portanto, lhe é algo posterior.

12 SPS90-14-17, recolhida na campanha de 1990.

13 TSPS/7, pertencente à UE[82].

14 TSPS/8, pertencente à UE[82] e publicado com o nº 7 (MENDES-PINTO, REIS 2020).

DOS FINAIS DO IMPÉRIO AO SÉCULO VIII

Neste período, as termas continuaram a funcionar, embora algumas áreas tenham sido reestruturadas: a sala a poente com uma piscina revestida a *opus signinum* foi remodelada, e esta substituída por uma nova piscina, mais pequena, construída integralmente com lajes de granito.

No pórtico nascente, a sul, novos espaços de apoio foram construídos, dos quais se conservou uma antiga lareira, com restos de uma jarrinha de provável tradição islâmica¹⁵.

DO SÉCULO IX AO SÉCULO XII

Provavelmente, ainda no final do século IX, no topo do pórtico nascente, foi começada a construir uma igreja pré-românica. Suspeitava-se da sua existência pela presença de restos de um ajimez reutilizado como material de construção na actual Capela de São Martinho, mas foram as escavações arqueológicas agora realizadas que vieram pôr a descoberto a sobreposição de diferentes contextos. É agora evidente que sobre os alinhamentos romanos, que supomos estarem relacionados com esta ampla esplanada de apoio ao balneário, se sobrepuseram parte dos alicerces das paredes sul e poente da igreja pré-românica (Fig. 14).

Para o ajimez reutilizado na parede fundeira da capela, Manuel Real aponta uma cronologia do primeiro quartel do século X, sendo esta uma obra artística de influência asturiana. O mesmo investigador associa a construção desta igreja à vinda para as terras de Lafões do asturiano Bermudo Ordonhes, irmão desavindo de Afonso Magno e por este mandado cegar, cuja residência pode ter sido em Bordonhos (REAL 2013: 203-230).

A estrutura religiosa associada às termas terá propiciado a continuação da sua utilização, pois dois séculos mais tarde ainda se mantinham operacionais, permitindo a D. Afonso Henriques utilizar as propriedades curativas destas águas.

Está comprovada a frequência das termas pelo primeiro monarca português no Outono de 1169, em tratamento e recuperação da fratura de uma perna ocorrida numa fuga a cavalo durante o cerco de Badajoz.

A estadia do rei, da sua filha Teresa Afonso - que também terá utilizado as águas termais -, e de vários membros da corte, é atestada em numerosa documentação lavrada em *Alafoens*, para além da atribuição de foral ao *Banho*.

O monarca mandou construir alojamentos para ele, para os que o acompanhavam e para os pobres que dos poderes das águas queriam usufruir, além de uma gafaria na outra margem do rio. É provável que neste mesmo contexto também tenham sido feitas algumas obras de reparação no edifício, mas que nestas escavações não foi possível detectar.

DO SÉCULO XIII AO SÉCULO XVI

A procura por parte da classe nobre dos benefícios salutíferos das Caldas de Lafões terá resultado igualmente em intervenções pontuais no balneário termal, tanto na sua estrutura principal como na construção de espaços de apoio para a permanência dos aquistas.

Uma dessas intervenções terá sido a demolição de uma das êxedras romanas da sala da piscina, a situada a nascente, para nela se abrir um portal gótico, que é formado por grandes aduelas, toreado, com decoração vegetalista e figurativa, encimada pela cabeça de um felino e por um rosto humano de cuja boca se parece evoluir um espírito (?). Na moldura, quatro mãos seguram ramos de videira e outras espécies vegetais, além de pérolas e quadrifólios.

15 TSPS/53, integrada na UE[247]

Este portal é possuidor de uma decoração escultórica que, apesar de ainda acusar uma inspiração românico-gótica tardia, poderá já ser obra dos finais do século XV ou inícios do século XVI.

Provavelmente nesta mesma época, a abóbada de cobertura do edifício terá sido substituída por um telhado de duas águas, bem como foi construído um sobrado na sala dita das banheiras, e que funcionou como uma sala complementar desde essa altura.

Mas terá sido no reinado de D. Manuel I que foi levada a cabo uma das intervenções mais marcantes na história do edifício, com a instituição do Hospital Real, um serviço fundamental para a região, hospital esse que foi dotado de um couto com rendas próprias.

As águas deixaram de ser de utilização livre e passaram a ser geridas pelo hospital, gestão essa que recaiu na Casa da Cavalaria em Vouzela, onde o rei fora recebido.

Já em 4 de Novembro de 1502 tinha sido concedido a Fernão Lopes d’Almeida, senhor da dita Casa, o Couto da Vila do Banho (as antigas *Caldas de Alafoens*).

Em data muito próxima, 1508, foi construída a Capela de São Martinho sobre as ruínas da antiga igreja pré-românica, como se constata no portal ogival chanfrado onde essa data foi grafitada.

A instituição do Hospital Real significou uma profunda remodelação do edifício, mas afortunadamente respeitou-se a linguagem primigénia. Na sala da piscina, a abside da parede norte e as portas laterais foram emolduradas com arcos abatidos de moldura simples, o mesmo acontecendo com a êxedra da parede poente. Foi também construído um varandim em madeira, mais tarde substituído por outro em pedra, que aproveitava o pé direito desta sala, o mesmo se verificando no antigo vestíbulo, e na sala dita das banheiras, duplicando assim o espaço existente.

Na sala da piscina, com a entrada a nascente, foi colocado um oratório consagrado a Nossa Senhora da Saúde. Este culto mariano teve uma grande difusão em Portugal nos finais do século XVI, ao estar a ele associada a cura de pelo menos dois virulentos surtos de peste, o que sugere que a sua consagração neste edifício termal é posterior às intervenções manuelinas, mas sem dúvida anterior ao último quartel do século XVII.

Em 1584, foi construída a Casa da Câmara entre a fachada nascente das termas e a Capela de São Martinho, da qual já tinham sido encontradas as fundações em escavações arqueológicas anteriores, tornando assim possível a sua localização exacta no terreno, apesar da existência de fotografias e desenhos do século XIX. Existiria um edifício anterior que terá funcionado primitivamente como Casa da Câmara, mas deste ainda não há certezas quanto à sua localização (OLIVEIRA 2002: 79-81).

SÉCULO XVII E SÉCULO XVIII

No âmbito do acompanhamento arqueológico das obras de valorização, conservação e reabilitação das Termas Romanas, foi feita uma cuidadosa leitura dos paramentos do edificado, tentando através do registo estratigráfico das paredes determinar a evolução diacrónica da sua construção.

No seu decurso, foi descoberta a existência de uma data epigrafada em 1638 sobre uma porta com moldura chanfrada que então ligava, do lado nascente, o varandim da sala da piscina com o exterior, talvez através de uma escadaria em pedra da qual não encontrámos registo. A data corresponderá provavelmente a uma fase de beneficiações e reestruturações do edifício do Hospital Real em época filipina.

Essa porta terá passado a ser interior em 1684, quando o Hospital Real foi sujeito a obras de ampliação com a construção de “quatro casas” — conforme diz o contrato de obra dessa data —, termo usado à época para designar divisões amplas, salas ou quartos. Desta ampliação terá resultado a fachada nascente como atualmente a conhecemos, tendo a entrada principal começado a ser feita por aí.

Para a descrição do edifício nos finais do século XVII, existe uma obra essencial publicada em

1696 pelo médico das Caldas de Lafões, António Pires da Sylva, e que é um documento ímpar para conhecer o edifício na época seiscentista e o seu funcionamento (SYLVA, 1696).

Aí se diz que no ano de 1638 foi também construída a Casa do Corregedor, situada próxima das termas junto às margens do Vouga. A casa foi depois utilizada, em épocas de grande afluência, como local de apoio e pernoita dos banhistas.

Numa sondagem efectuada a nascente do pórtico da piscina exterior, próxima da margem, foi por nós detectado o alicerce do que seria a fachada poente desta Casa, virada ao Hospital Real e perpendicular ao rio.

A instalação da capela da Senhora da Saúde como espaço diferenciado numa das “casas” do Hospital Real deve ter ocorrido entre a data da publicação de Pires da Sylva e o ano de 1732, em que pela primeira vez é referida no documento que contém a resposta do abade da Várzea aos inquéritos paroquias então efectuados.

SÉCULO XIX E SÉCULO XX

A história do edifício romano das termas de São Pedro do Sul, da sua conservação ao longo da Idade Média e da sua ampliação como Hospital Real na Idade Moderna, não ficou por aqui.

A partir de 1806, foi construído um hospital militar na envolvente das termas. As invasões francesas frustraram alguns projectos de reactivação das mesmas, mas na primeira metade desse mesmo século foi ampliada a sua fachada e construído um anexo com onze banheiras. Outras cinco foram instaladas no antigo anexo de uma só piscina, sendo, para o efeito, alteado o seu pavimento e construído um piso superior, acessível por escadaria independente a poente.

Em 1861, alguns dos espaços termais estavam em franco abandono e foram considerados pelos coetâneos como espaços lúgubres, que urgia revitalizar, para aproveitar as qualidades curativas das águas.

Em 1884 foi construído o Balneário Rainha D. Amélia, ditando o fim da utilização das termas antigas, ainda que os grupos mais desfavorecidos continuassem a fazer uso das suas instalações (CARRIÇO 2013).

Em 1889, foram comprados os terrenos e construções existentes a sul das termas para rasgar uma nova «avenida» executada nos finais desse século. As termas já eram utilizadas apenas por pessoas de poucos recursos e não ofereciam conforto, nem serviços adequados.

Em 1931, foi aqui instalada a escola primária e respectiva cantina, que funcionaria até 1954, data em que foi inaugurado o novo edifício escolar, situado na outra margem do Vouga.

O Termas Óquei Club, fundado em 1950, também aproveitou as instalações destas antigas termas, que terão servido de balneário. Na década de 1970, o espaço funcionou como café, denominado «Alzirinha», ocupando a área da antiga cantina escolar, e com esplanada virada para o Rio Vouga. O período mais crítico foi a década de 1980, quando este edifício entrou numa fase de grande degradação, aproveitado apenas para arrecadação de barcos.

Contudo, até à inauguração da nova igreja paroquial em 21 de Maio de 1998, a capela setecentista das termas de Nossa Senhora da Saúde manteve-se aberta ao culto.

NOTAS FINAIS

A intervenção arqueológica realizada nas Termas Romanas de S. Pedro do Sul (Figs. 13, 14, 15, 16, 17 e 18) ao longo da execução do seu projecto de conservação, reabilitação e valorização (BORGES 2021), dando continuidade às investigações levadas a cabo por Helena Frade e Beleza

Moreira e pelos arqueólogos que os precederam, está longe de ter esgotado o manancial de informação científica relevante para o estudo deste sítio, cuja importância é ímpar no contexto da romanização da Lusitânia e do termalismo em época romana na Península Ibérica (REIS, MENDES-PINTO 2020: 88-89).

Centradas apenas nos espaços intervencionados pelas obras em curso, apesar de todas as limitações que essa situação comportou, as escavações arqueológicas vieram levantar toda uma nova problemática, para além dos resultados alcançados.

Essa nova problemática, com base nas cronologias ora propostas e relacionada com a alteração ou até possível suspensão de programas arquitectónicos na construção dos edifícios dos séculos I e II e dos espaços adjacentes, poderá vir a ser mais bem esclarecida com futuras intervenções nas áreas ainda não sondadas.

Para além disso, o achado dos alicerces da igreja pré-românica, construída nos finais do século IX-inícios do século X sobre antigas construções romanas, abre também toda uma nova perspectiva sobre a ocupação da região de Lafões na Alta Idade-Média, podendo ainda vir a revelar dados inéditos sobre a transição do mundo romano para a época bárbara e talvez sobre a ocupação(?) islâmica desta região, pelo menos sobre a influência que a cultura islâmica pode ter tido sobre as populações que aqui habitavam.

Não tendo sido intervencionado o espaço do átrio da entrada nascente do edifício setecentista, nem a área de cerca de metade da capela de Nossa Senhora da Saúde, ainda haverá seguramente lugar para futuras intervenções arqueológicas que possam acrescentar novos dados sobre as ocupações romanas e medievais destas Termas, ficando assim em aberto todo um leque de linhas de investigação a explorar futuramente.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge; ÉTIENNE, Robert (1977), *Fouilles de Conimbriga*, vol. I, Paris.
- ALARCÃO, Jorge (2021), Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de S. Pedro do Sul, in BORGES, Nuno Miguel (Ed.), *Termas Romanas de S. Pedro do Sul - João Mendes Ribeiro, João Gomes da Silva*, NMB, pp. 19-26.
- BOLILA, Catarina Maggioly Santos (2011), *A Terra Sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira*, Lisboa, FCSH-UNL, pp. 72-73.
- BORGES, Nuno Miguel (2021), *Termas Romanas de S. Pedro do Sul - João Mendes Ribeiro, João Gomes da Silva*, NMB.
- CARNEIRO, Sérgio (2013), As termas medicinais romanas de Chaves, *Arqueologia em Portugal 150 anos. (Proceedings of the I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisbon 21 - 24 November 2013)*, Lisboa, AAP, pp. 793-802.
- CARNEIRO, Sérgio (2017), New data from the roman healing spa of AQUAE FLAVIAE (Chaves, Portugal), *Termalismo antiguo en Hispania: un análisis del tejido balneario en época romana y tardorromana en la península ibérica*, Anejos de AEspA, 78, Madrid, pp. 65-94.
- CARRIÇO, Ana Patrícia da Silva (2013), *Metamorfoses do espaço termal. O caso das termas de S. Pedro do Sul*, Tese de doutoramento, Covilhã, UBI.
- ETTLINGER, E. et al (2002), *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*, Materialien zur romischgermanischen Keramik, Heft 10.
- FRADE, Helena (1985), São Pedro do Sul. Relatório, Coimbra, SRAZC [Texto policopiado].
- FRADE, Helena (1988), São Pedro do Sul. Relatório, Coimbra, SRAZC [Texto policopiado].
- FRADE, Helena (1989), São Pedro do Sul. Relatório, Coimbra, SRAZC [Texto policopiado].

- FRADE, Helena (1990), São Pedro do Sul. Relatório, Coimbra, SRAZC [Texto policopiado].
- FRADE, Helena (1991), São Pedro do Sul. Relatório, SRAZC, Coimbra [Texto policopiado].
- FRADE, Helena; MOREIRA, José Beleza (1991), A Arquitectura das Termas Romanas de S. Pedro do Sul, *Espacio, Tiempo y Forma. Revista de la Facultad de Geografía e Historia*, Serie II, Historia Antigua, V, pp. 515-544.
- FRADE, Helena (2001), *Piscina de D. Afonso Henriques, Termas de S. Pedro do Sul. Projecto de recuperação*, Coimbra, IPPAR.
- HESPANHA, Maria Cândida (1963), *Estudo comparativo das termas romanas em Portugal*, Coimbra, FLUC [Texto policopiado].
- MENDES-PINTO, Marcelo (2020), As escavações arqueológicas das Termas Romanas de São Pedro do Sul – uma breve síntese, in BORGES, Nuno Miguel (2021), *Termas Romanas de S. Pedro do Sul - João Mendes Ribeiro, João Gomes da Silva*, NMB, pp. 7-18.
- MENDES-PINTO, Marcelo; REIS, Maria Pilar (2020), Achados monetários nas escavações arqueológicas das Termas Romanas de São Pedro do Sul, *NVMMS*, II série, Vol. XLII-XLIII, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 33-45.
- MENDES-PINTO, Marcelo; REIS, Maria Pilar (2021), Os Banhos Romanos de S. Pedro do Sul, *I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões-Actas*, Vouzela, C. M. Vouzela, 2021, pp. 176-195.
- OLIVEIRA, António Nazaré (2002), *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, Viseu, Palimage.
- REAL, Manuel Luís (2013), O Castro de Baiões terá servido de atalaia ou castelo, na Alta idade Média? Sua provável relação com o refúgio de Bermudo Ordonhes na Terra de Lafões, *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, vol. XII, Porto, FLUP, pp. 203-230.
- REAL, Manuel L.; TENTE, Catarina; RAMOS, Tiago; MELO, Daniel; PEREIRA, Luís; ROCHA, João (2021), O Povoado Fortificado da Senhora do Castelo, em Vouzela, *I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões-Actas*, Vouzela, C. M. Vouzela, pp. 141-163.
- REIS, Maria Pilar, MENDES-PINTO, Marcelo (2020), Termas de São Pedro do Sul. O poder curativo da água, *National Geographic, Especial Viagens*, n. 21, pp. 88-89.
- SYLVA, Antonio Pires da (1696), *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, Lisboa, Officina de Miguel Deslandes.

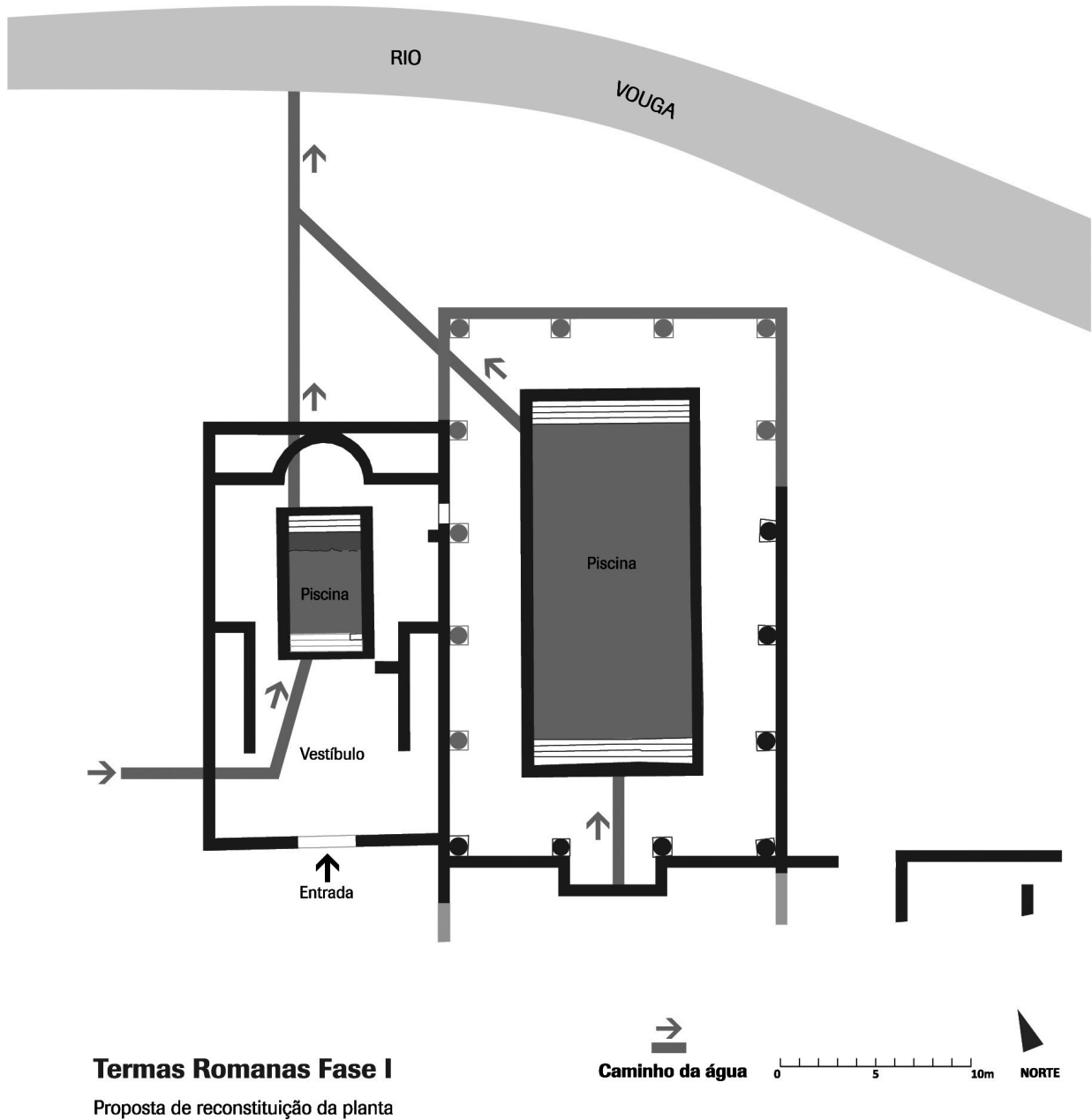


Fig. 1: Proposta de reconstrução planimétrica do edifício da Época Júlio-Claudiana (Fase I).



Fig. 2: Vestígios da piscina interior do edifício da Época Júlio-Claudiana (Fase I).



Fig. 3: Pórtico da piscina exterior, no início trabalhos arqueológicos.



Fig. 4: Piscina exterior, no início dos trabalhos arqueológicos.

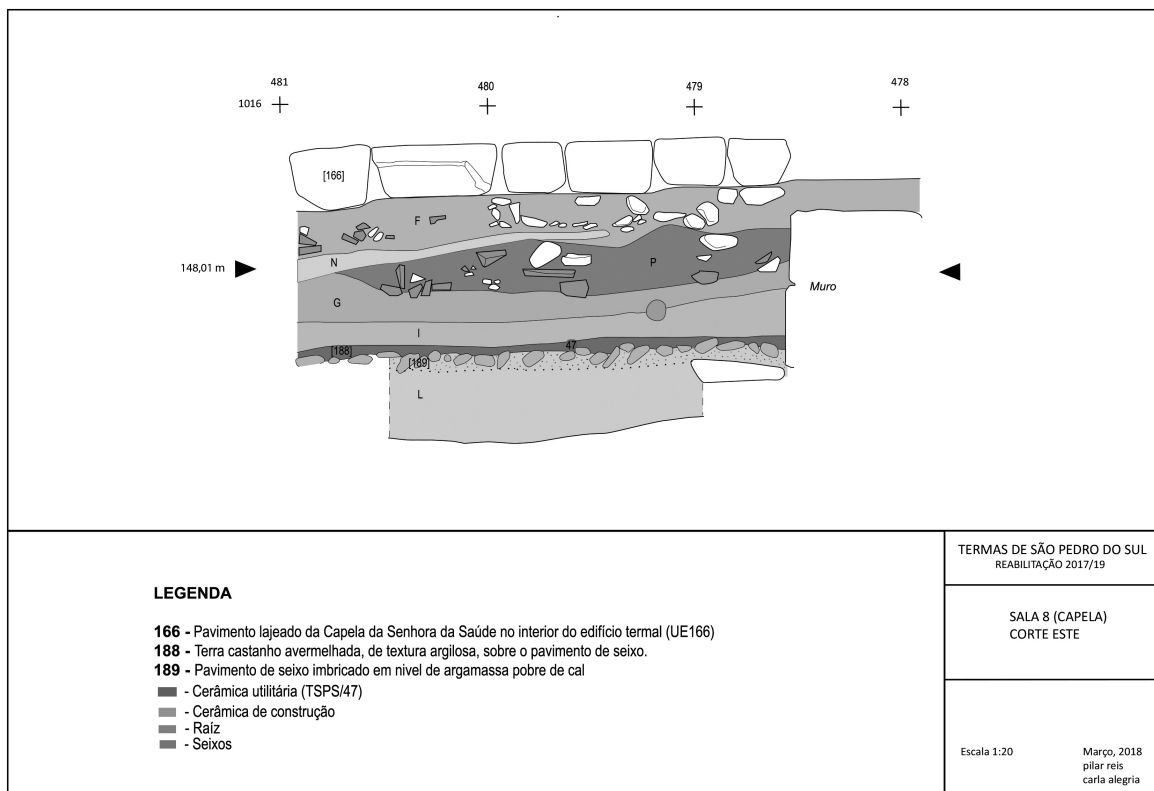


Fig. 5: Perfil nascente da sondagem da Sala 8 (Capela da Senhora da Saúde).

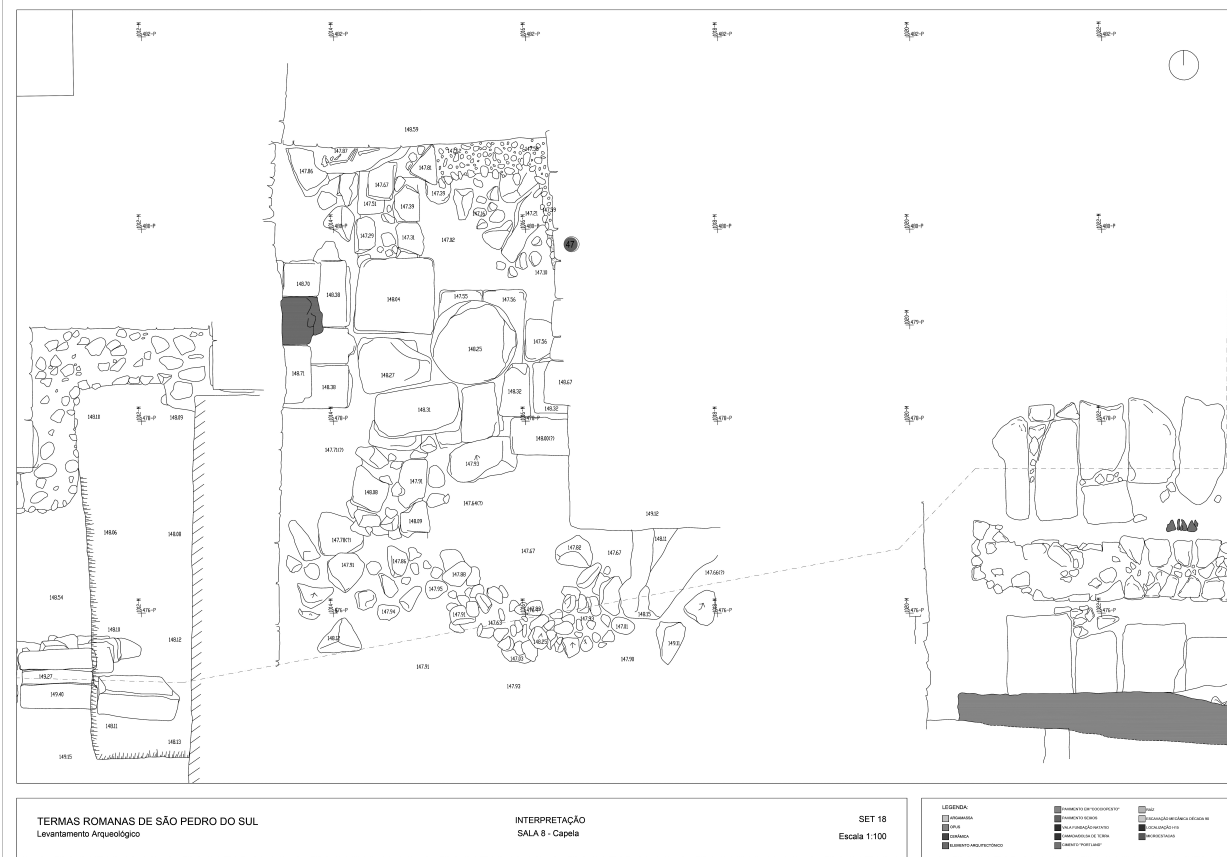


Fig. 6: Planta da escavação da Sala 8 (Capela da Senhora da Saúde) e parte dos gradouros poente e sul.

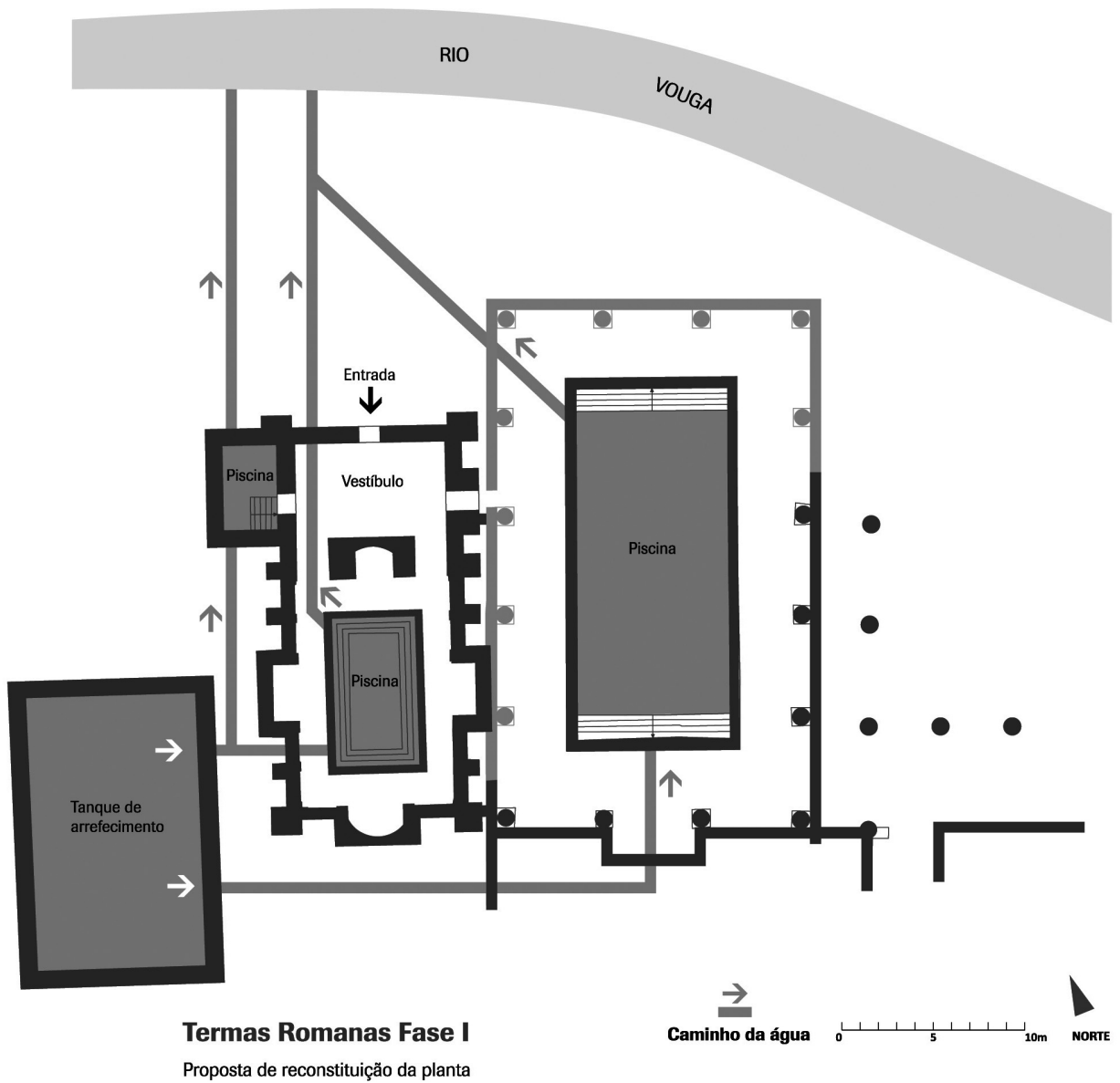


Fig. 7: Proposta de reconstrução planimétrica do edifício da Época Antoniniana (Fase II).



Fig. 8: Fachada do edifício da Fase II, após conclusão dos trabalhos de restauro e conservação.



Fig. 9: Porta romana do edifício do edifício da Fase II, após conclusão dos trabalhos de restauro e conservação



Fig. 10: Piscina interior do edifício da Fase II, após conclusão dos trabalhos de restauro e conservação.



Fig. 11: Reconstrução da abóbada, vestígios do nicho absidiado norte e das êxedras laterais, após conclusão dos trabalhos de restauro e conservação.



Fig. 12: Restauro da piscina exterior.



Fig. 13: Vestígios do pórtico toscano encontrados nas escavações de J. M. Bairrão Oleiro.



Fig. 14: Pormenores da escavação dos alicerces da igreja pré-românica (esq.)



Fig. 15: Escavação arqueológica da ala sul do pórtico.



Fig. 16: Escavação arqueológica e limpeza no interior da capela de N^a Senhora da Saúde.



Fig. 17: Escavações arqueológicas e limpeza no pórtico toscano, sendo visíveis os pisos do século II e do século V.



Fig. 18: Escavações arqueológicas no pórtico toscano.

